



**TRINTA ANOS  
DEPOIS DA PRIMEIRA  
ENCENAÇÃO,  
O REI DA VELA  
CHEGA EM VERSÃO  
CINEMATOGRÁFICA  
COMPACTA**

GERALDINHO VIEIRA  
ESPECIAL PARA O JBR

**E**stou em paixão completa, como na paixão de uma descoberta. Queria que o filme estivesse concorrendo". Zé Celso está ansioso pela exibição de *O Rei da Vela* na noite de encerramento do Festival, e avisa que o filme feito há 15 anos fala para hoje com tremenda eloqüência.

Com cenas históricas da peça de teatro - encenada há 30 anos, mesma idade portanto do Festival, de Tropicalismo... - que permitem saborear o ator Renato Borghi numa das melhores interpretações da cena brasileira, o filme *O Rei da Vela* não é o mesmo que em 1984 Brasília assistiu com indiferença. O filme tinha então nada menos que 2 horas e 46 minutos. É verdade que os amantes do Teatro Oficina sugavam cada um desses minutos.

"O saudoso Pereira fez até um bolo em forma de bandeira brasileira com uma bola do mundo em

vermelho e uma fita de gelatina com o nome do filme no lugar de ordem e progresso", lembra o diretor.

A versão de agora tem apenas 1 hora e meia e muitos trunfos para emocionar Brasília. Zé Celso Martinez Corrêa garante que os cortes trazem um filme novo, com imensa liberdade e um espírito oswaldiano de alegria. "Os cortes deixaram a quinta essência do filme e acho que vai haver melhor compreensão porque o mundo está mais maduro para aquilo que está vivo. Os 30 anos do Tropicalismo que vivemos tão intensamente encontraram em *O Rei das Velas* o teatro como um terreiro tropical".

*O Rei das Velas*, em sua versão 90 minutos, deve rá

mesmo agradar mais a geração jovem de agora do que a geração da perplexidade dos anos 80. Zé Celso diz que o filme "é dominado pela liberdade, pelo deboche do dramaturgo Oswald de Andrade. Está mais alegre e mais bonito, e está politicamente direto".

Uma de suas cenas mais emocionadas é a queima dos geniais cenários de Hélio Eichbauer no 31 de março de 1974 num ritual

## Importância do Festival

**Liloye Boubli** - cineasta: "Considero e sempre considero o Festival de Brasília o mais importante do país, por isso tinha tanta vontade de apresentar meu filme (*Tangerine Girl*) aqui. Esse festival tem um público espetacular, que todo cineasta gostaria de ter: o mais

forte, o mais participativo. É um festival que movimenta a cidade e, por isso, se torna de maior reflexão, maior discussão e abertura. Isso faz com ele seja mais revolucionário. Acho que este ano a seleção dos filmes que participam não correspondeu à sua qualidade e tradição.

# Teatro do terreiro tropical

brasileiras, ela se zado sob a inspiração do espírito libe- permanecia rário de Oswald de Andrade

du- rante todo o debate e ainda mais. Os diretores e o público do Festival ficaram tão encantados que toparam a proposta de Zé Celso - levar a vela para o muro como macumba pro muro cair.

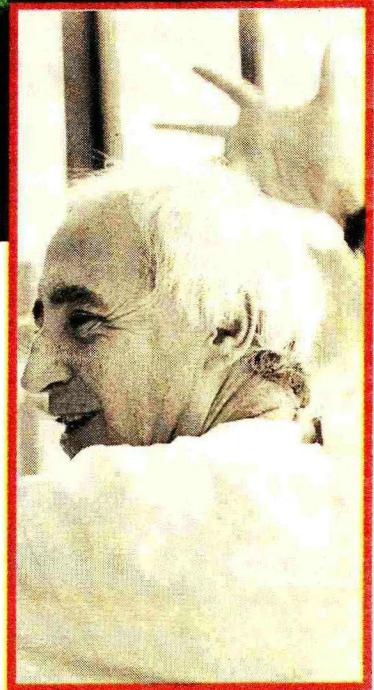
Para ser exibido agora no Festival de Brasília, o filme tombou diante de vários muros: da censura à

agonia da Embrafilme.

Não é à toa que, para as filmagens, o Teatro Oficina (na região do Bexiga, em São Paulo) desenhou uma mandala em sua parede dos fundos e num ritual de passagem a derrubou com golpes de picareta. Nas escadas foram pintados os letreiros do filme. E logo depois começava a demolição também física da velha estrutura para dar lugar a uma arquitetura teatral em

a reconstruir o Teatro Oficina - cuja história emotiva e espiritual está no filme.

*O Rei da Vela* é o quarto filme de Zé Celso. Antes ele foi roteirista de *Prata Palomares* (um mergulho na guerrilha), *O Parto* (sobre a revolução portuguesa) e *25* (a revolução moçambicana). *O Rei da Vela* é um deboche circense sobre o capitalismo e, se é possível dizer, a obra-prima de Oswald de Andrade.



**Zé Celso:** "Queria que o filme estivesse concorrendo"